



CONFIRA A ENTREVISTA QUE SELECIONAMOS PARA ESTE NÚMERO DA REVISTA:

POR: Roseli Nazário*

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa realizada pela Prof^a Roseli Nazário com profissionais de uma creche em Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação. Neste número teremos a PARTE II das entrevistas realizadas. A PARTE I você pode conferir no [Número 7](#) da Revista ZERO A SEIS.

PARTE II

Entrevista com a Recreadora – Maternal II

Formada em Séries Iniciais, a recreadora atua com crianças de idades compreendidas entre quatro meses e um ano e cinco meses.

PERGUNTA 1: Comece falando um pouco da tua vida aqui na creche. Como foi essa entrada na educação infantil? O que te fez entrar na educação infantil?

Em primeiro lugar eu até entrei porque precisava de emprego, a procura de um emprego. Porque eu morava aqui perto e abriu e depois de entrar eu fui gostando e aprendendo, porque a gente aprende muito no dia-a-dia mesmo (entra uma criança). Entrei um pouco preocupada, assustada, porque naquela época tinha berçário, maternal e jardim. Essa turma do jardim meio período ficava no jardim e meio período voltava para mim. Era um sufoco. Era mais um atendimento à criança, dava-se comida, trocava, e brincava no pátio o momento que dava, pois tinha aqueles do berçário que precisavam de mamadeira. Então foi bem difícil. Mas logo houve mudança, veio uma enfermeira para ficar com as crianças do berçário. Daí eu ainda ficava com idades de dois a seis anos juntos. Mas eu sempre notava... É era bem difícil porque os de dois anos estavam tirando as fraudas. Mas eu sempre observava a evolução das crianças menores no meio das maiores. Porque tinha a Luciana, por exemplo, que era grande e tinha o irmãozinho dela que tinha 2 anos, cantava as musiquinhas que a Luciana cantava. E aquilo me chamava a atenção porque eles aprendiam com os maiores. Depois foi indo, foi mudando e hoje está assim bem melhor para trabalhar. E eu ainda tenho uma turma de dois a quatro anos e eu vejo que isso é bem importante. Tem gente que não gosta. É mais difícil, a gente tem que ter bem mais jogo de

cintura pra trabalhar, né. Tem que ver que o desenvolvimento daquele de dois para aquele de cinco anos é diferente, né. Tem que respeitar também, mas eu vejo que é possível. Os menores aprendem com os maiores e estes até voltam para esperar um pouco pelos pequenos.

PERGUNTA 2: Tu comentaste que quando entraste aqui fosse aprendendo. Como e com quem?

Com as próprias crianças, Rose, a gente aprende muito. E também assim oh, eu sempre busquei muito (entra outra criança e conversa com a Dilma). Eu via a necessidade de sempre buscar, não ficar parada, limitada. Eu sempre procurava ler, sempre que tinha curso eu procurava fazer, me inteirar do assunto. Tem que ter boa vontade e amor no que faz, porque hoje eu vejo assim, eu cuidei de crianças que hoje estão trazendo os filhos para cá. E as vezes chega lá na sala e para e fica olhando. Outro dia chegou um, solteiro ainda, mas já com vinte anos e parou na janela e disse assim para mim: O tia Dilma tu ainda conta historinha? E eu passei tão despercebida que nem lembrei de convidar ele para entrar e ele ficou uns 10 minutos ali parado olhando para dentro da sala. Depois que eu me toquei, que ele foi embora e eu pensei: puxa podia ter mandado ele entrar e até ter dito para as crianças quem ele era. Então é assim Rose, a experiência a gente adquire no dia-a-dia e tem que ir atrás, buscar, Ter boa vontade também. Porque tem dia que a gente se sente cansada, parece que nada dá certo, que a gente planeja uma coisa para fazer com eles e sai totalmente diferente. Nós já fizemos projetos de profissão, de horta, a gente até consegue trabalhar, né Rose, mas tem dia que a gente planejou isso e aquilo e chega ali e já faltou uma profissional e tem que juntar duas turmas, daí já não dá mais para fazer aquilo que tinha planejado. Mas, de uma outra maneira às vezes até sai melhor do que aquilo que tinha organizado. Porque tem criança, quase a maioria que se sente em casa aqui. Eles pegam, eles tocam, eles sobem, os brinquedos estão todos à altura deles. Não querem esse pegam outro, vão buscar o que eles querem.

PERGUNTA 3: Você acha que a creche está cumprindo a função a que ela se propõe?

Consegue atender a criança? Eu acho que poderia ser melhor. Na minha opinião poderia estar bem melhor até no próprio ambiente. Eu estou aqui a vinte anos e o que mudou? Cada diretora que chegou deu uma esticadinha, levantou uma parede ou fez uma sala e eu ainda me sinto trancada, porque quando estão na sala, tudo bem, estão na sala. Mas quando vão para rua, tem o momento de subir, descer, escorregar, pular. E isso não tem, falta espaço. Tanto que quando a gente sai daqui, Rose, vai lá na capela que já tem um espaço um pouquinho maior, eles querem se acabar lá. A gente vê a necessidade que eles tem de correr, de extravasar, porque eles tem uma energia que não acaba nunca.

PERGUNTA 4: E como as crianças vivenciam este dia-a-dia aqui na creche?

Tem alguns que gostam, que se sentem em casa. Tem aqueles que não gostam porque a gente tem limites né, Rose. E ainda se tem horário pra tudo, se tem o horário pra dormir, que nem eu não gosto desse horário. Se hoje eu converso com as crianças que já saíram, os moços que já passaram por aqui e perguntar: o que tu não gostavas na creche? era de dormir. Tem já moças fazendo pedagogia. A gente aqui já conversou sobre isso, já fizemos reunião com todas as profissionais e eu me sentia bem angustiada porque tinham crianças bem maiores e não dormiam. E quando chega uma profissional nova, mesmo sem saber ela acha que é obrigado a dormir. Dorme Fulano, Dorme Ciclano. Aquilo virava um tormento

até para a gente que escutava aquilo. Lá na minha sala eu deixo bem livre: vamos descansar, eu dou um livro na mão de cada um e quando não posso dar o livro eu conta a história e eles vão acalmando até a maioria estar dormindo. E tem algumas que não, que impõe e as crianças não gostam. Então aquilo ficava angustiante, aquela tia chamando e gritando o tempo todo, virava uma tensão porque tava perto do berçário e criava atritos porque ia acordar os bebês. Aí se reunimos e conversamos e combinamos que cada dia uma saía com aqueles que não dormiam. Ia para fora do CEI porque se fica aqui dentro acorda aqueles que estavam dormindo. Mas, daí não deu muito certo, daí chegava lá não era a profissional daquela turma, porque daí não tinha aquela autoridade pra dizer que lá não pode ir e deu, pode ir até lá, mas ficavam crianças correndo na rua e cortou o barato e voltou tudo de novo. Mas, esse ano eu vejo que está tudo mais calmo, quando não dorme fica lá, veio pessoas com mais calma, mais jeito de lidar. Ainda é um problema essa hora de dormir e ninguém pensa em abolir (risos), porque já sentamos e conversamos e tem aqueles que vem as seis horas e precisam dormir senão de tarde estão ali choramingando pelos cantos, não querem nada, é um mau humor de tarde que ninguém aguenta. Porque se pensa ainda que se a criança não dorme naquela hora, depois não pode dormir mais.

PERGUNTA 5: O que é uma boa creche para as crianças?

Eu acho assim: um lugar onde eles se sintam seguros, um ambiente agradável onde eles chegam de manhã e encontram as professoras como alguém com quem eles podem falar, fazer tudo aquilo que as crianças acham que podem, onde a alimentação seja boa, porque eu me preocupo com aquela criança que não come verdura e passa o dia todo aqui, porque daqui a pouco vai estar com anemia e esta é uma alimentação indicada por nutricionista. Deve ser um lugar onde eles possam se expressar, descobrir, conhecer mais porque eles têm uma curiosidade de conhecer sempre mais, aprender coisas novas. Tem que ser um lugar de descoberta, onde se mostra os caminhos que fica, livres para eles seguirem. As pessoas que estão envolvidas com eles, as educadoras, têm que ter bastante paciência, gostar do que faz e olhar para eles como crianças, que esta é uma fase importante da vida deles: de descoberta, de curiosidade. Eles estão sempre buscando mais.

PERGUNTA 6: O que tu consideras significativo para essas crianças que freqüentam a creche?

Eles ter contato com a escrita, através da literatura infantil a gente sempre busca, né. Mas eu acho assim bastante importante ter profissionais qualificados, que estão sempre buscando mais, porque as crianças exigem bastante e nós temos que estar preparados para as perguntas deles. Eles têm cada pergunta: outro dia estava contando uma historinha dos bichos para eles e o avião dos bichos ia fazer uma viagem. Mas, na história não tinha quem ia dirigir o avião, só contava que o avião ia fazer a sua primeira viagem e a aeromoça, que era a cachorrinha, ia chamando todos os bichos. E quando chegou lá pelas tantas alguém me perguntou: o tia, e quem vai dirigir o avião? Ai eu catei o macaco e coloquei na história para pilotar o avião. Eu não tinha percebido que faltava o piloto. Noutra história a galinha levou a sombrinha debaixo da asa para que se chovesse ela pudesse proteger seus filhotes e, a pergunta já veio: e como ela vai abrir a sombrinha se ela não tem mão? Daí eu disse que a sombrinha era automática e ela botava o pé em cima e armava. Eu fantasiei e eles acharam o máximo. Tinha que dar a resposta para aquela hora. Tem outras vezes que quando eu não sei, digo que vou pesquisar, vou ler nos livros lá da sala. E, se esqueço, eles cobram. (risos),

PERGUNTA 7: E o que significa a creche na vida das crianças?

Pra mim, Rose, é a segunda casa deles. Por isso que não só a parte assim oh, pra mim tudo é pedagógico. Mas tem alguns que dizem que o pedagógico tem que ser no papel, na tinta, pra mim tudo é pedagógico. A gente ensina boas maneiras, ensina eles a comer, ensina eles ir n banheiro, a se trocarem, a terem autonomia de cada um ir lá pegar as suas mochilas, arrumar suas roupas e se não ficar bom depois a gente ajuda. Porque tem mãe que o filho tem cinco anos e ela está ali de bunda para cima calçando o sapato do filho, não deixam eles terem autonomia. E aqui eles têm oportunidade de ir lá pegar a escova de dentes, escovar os dentes, botar a escova no lugar, pegar as coisas da sua mochila. Tem mãe que fica assustada quando vê o filho fazendo isso.

PERGUNTA 8: Mas, tem diferença entre a casa e a creche?

Tem, Rose. A mãe é maezona, super-protetora: ai cuidado, não deixa isso cair. E nós, a educadora, estou mostrando caminhos, ensinando a ter autonomia que eles vão se descobrindo. (silêncio)

PERGUNTA 9: E dentro desse teu trabalho, tu achas que a creche consegue atender os interesses e as necessidades das crianças?

Eu acho que sim, Rose. Em determinados pontos eu acho que sim, que consegue. A gente esse ano conseguiu mais espaços nas salas, montamos essa brinquedoteca que eles tem oportunidade de vim brincar, mexer. Nas salas os brinquedos estão mais na altura deles e eles tem a oportunidade de escolher o que querem. Eles sabem onde estão as coisas que eles gostam de pegar. Eu acho que assim, tirando a falta de espaço que a gente não pode deixar uma turma sem dormir porque vai atrapalhar aquela que dorme. Mas, em outros momentos a gente conseguem. Eles podem pegar as tintas e sair pintando, desde que não sejam as paredes, eles podem (risos).

PERGUNTA 10: Em termos de cursos, como tu vê os cursos neste momento?

Pra falar bem a verdade eu não participei de nenhum até agora. Estamos a nove meses e não participei de nenhum esse ano. A gente já teve cursos bons, como oficinas para trabalhar com sucatas, essas coisas assim que foram mostrando caminhos. Até as trocas com outros CEI's é importante, porque quando a gente ia eu já olhava os trabalhos das crianças, porque pra mim, o que interessa São os trabalhos das crianças, não é aquelas coisas bonitas penduradas lá. Na minha turma não fazemos trabalhos bonitos. Eu sempre digo aos pais: não esperem desenhos perfeitos porque as crianças estão construindo de acordo com o desenvolvimento deles. Até tinha um pai que vinha buscar e o menino mostrava o desenho e o pai dizia: minha nossa, de novo essa reboqueira! Ele queria um desenho perfeito, um carro com quatro rodas e, o menino não estava pronto, ainda não conseguia fazer do jeito que o pai queria. Até na última reunião de pais eu coloquei: não esperem coisas maravilhosas porque todos os trabalhos que os seus filhos fazem está de acordo com a idade deles, com o desenvolvimento deles. Assim, eu até consigo ter mais contato com os pais e coloco isso pra eles e acho que já está até mais aberto pra eles de que o trabalho das crianças é assim mesmo. No começo do ano eles têm mais dificuldades e agora já está até saindo forma, como: o sol, uma árvore, crianças imitando letras. No meio da folha a gente já percebe letras e, mesmo que não é forçado aquele que quer e consegue fazer que faça, respeitando aquele que ainda não consegue.

Quando eles me perguntam se está bonito eu sempre pergunto: o que tu achas? Porque

não adianta dizer que tá lindo porque a criança sabe do que ela é capaz de desenhar.

PERGUNTA 11: Como é ser referência para muitas pessoas no CEI?

Tu sabe que às vezes eu fico meio preocupada porque eu não me acho aquilo tudo e não tiver uma formação e não fiz nem o segundo grau. Então eu sei que aquelas que tem pedagogia elas sabem colocar no papel, quando fazem planejamento colocam aquelas frases bonitas. Nossa, eu acho tudo isso um máximo, mas na sala eu não fico preocupada com o que aquela da pedagogia tá fazendo, porque eu me sinto segura. Em primeiro lugar eu vejo que as crianças sentem falta de mim, se eu não vim, o que é muito difícil, elas perguntam. Não sei se eu passo segurança para as crianças, os pais me conhecem. Não sei se é isso que faz as outras educadoras me procurar.

Eu acho que elas me procuram pela experiência, pelo tempo que estou aqui dentro. Mas, eu sempre procuro dar tudo de mim, não me canso. Tenho idéias, invento, mas acima de tudo eu vejo a criança como um ser em desenvolvimento. Eu respeito as crianças. Eu aprendo muito com as crianças no dia-a-dia, de frases que eu esperava não ouvir que tocam lá no fundo. Daquele tamanhinho e dizer coisas tão fortes. E daí eu acho que tenho quatro ou cinco ouvidos (risos), porque em sala eu sempre ligada, me preocupo quando chega uma pessoa nova ou às vezes nem é nova e vê a criança fazendo alguma coisa e faz de conta que não percebeu. Eu tô sempre ligada na conversa das crianças, nas ações das crianças. Também parece que tenho seis olhos, porque eu procuro ver tudo o que a criança faz, suas ações. E olha que eu nem tenho a 8ª série. Tinha uma menina aqui que queria dar uma aula importante e não dava conta. E olha que era formada na pedagogia. Então eu tem vezes que largo as minhas crianças e vou dar uma ajuda pra elas.

*Membro do NEE0A6 e professora da UNIVALI/SC